

O feminino na História da Filosofia: do imaginário filosófico à autenticidade da mulher em Simone de Beauvoir

The feminine in the history of philosophy: From the philosophical imaginary to the authenticity of women in Simone de Beauvoir

Eloisa Benvenuti de Andrade

Professora de Filosofia da Faculdade Cásper Líbero
ebandrade@casperlibero.edu.br

Resumo: Abordaremos a relação entre mulher e filosofia, retomando e explicitando as ideias de imaginário filosófico - conceito desenvolvido por Michèle Le Doeuff – e principalmente a da mulher como segundo sexo – conceito trabalhado por Simone de Beauvoir, para problematizar o lugar e o papel do feminino no mundo, ou seja, “em situação”, e no mundo do conhecimento, especificamente na história da filosofia. Veremos como a imagem da mulher se constitui por um discurso masculino que se pretende absoluto e universal, e como, dessa maneira, tal discurso permanece no plano de uma ontologia abstrata, sacrificando, desse modo, a realidade concreta. Por esta via, nosso trabalho pretende mostrar a fragilidade teórica do discurso tradicional e suas consequências no plano do pensamento ético, evidenciando a necessidade da recuperação do sujeito concreto e do mundo vivido, em que se aloca a mulher, para a constituição de um fazer filosófico de fato autêntico e sólido, e para um novo projeto ético, tal como reivindicado por Simone de Beauvoir.

Palavras-chave: Mulher; Filosofia; Ética; Alteridade; Situação.

Abstract: *We will approach the relationship between woman and philosophy by retaking and explaining the ideas of philosophical imaginary - concept developed by Michèle Le Doeuff - and especially that of women as second sex - concept worked by Simone de Beauvoir, to problematize the place and role of the feminine in the world, that is, in situation, and in the world of knowledge, specifically in the history of philosophy. We will see how the image of women is constituted by a masculine discourse that purports to be absolute and universal, and how, thus, such discourse remains in the plane of an abstract ontology, thereby sacrificing concrete reality. In this way, our work intends to show the theoretical fragility of traditional discourse and its consequences, in the plane of ethical thinking, highlighting the need for the recovery of the concrete subject and the lived world, in which the woman is allocated, for the constitution of a doing true and solid philosophical philosophy, and for a new ethical project, as claimed by Simone de Beauvoir.*

Keywords: *Woman; Philosophy; Ethics; Alterity; Situation.*

Introdução

Em *L'imaginaire philosophique*, de Michèle Le Doeuff, é apresentada a ideia de certa generalização presente na tradição filosófica que torna a relação de alteridade, entre homens e mulheres, tributária da misoginia. Esta generalidade, segundo Le Doeuff, revela uma mítica ao passo que o “imaginário misógino” (LE DOEUFF, 1980, p. 134) e filosófico que se formou a partir disso está assentado, na verdade, em bases cognitivas irracionais e a-críticas aceitas e formuladas pela tradição. Desse modo, a filósofa defende a necessidade da realização de uma crítica à tradição filosófica para a revisão do tratamento dado às pensadoras e ao feminino em geral em sua história. É acentuada na leitura histórica empreendida por Le Doeuff, a partir da análise de casos clássicos, como o da relação entre Elisabeth e Descartes, por exemplo, a maneira como as mulheres são admitidas na filosofia, a saber, tendo sempre sua figura mediada por um homem, seja seu amante ou seu tutor intelectual que, por sua vez, possui a tarefa de capacitá-las a proferir um discurso teórico ou filosófico. Por esta via, Le Doeuff mostra que a mulher é sempre compreendida em posição de admiração em relação ao homem por sua incapacidade de teorizar e racionalizar enquanto o homem é inquestionavelmente racional e capaz (LE DOEUFF, 1980, p. 139). Isso, destaca a filósofa, fez com que as mulheres tivessem acesso a uma filosofia particular, específica, e não a filosofia mesma.

A importância da análise dessa exclusão sexista (LE DOEUFF, 1980, p. 135) é que ela revela o mundo do conhecimento, da filosofia e da ciência, alicerçado na ideologia patriarcal. Tal ideologia constrói um problema, pois condiciona a figura da mulher ao falo masculino a partir da alienação da sua concretude, ou seja, pela sua ausência e pela sua falta (LE DOEUFF, 1980, p. 143), tanto no processo de produção do conhecimento quanto ao seu acesso. No entanto, defende Le Doeuff, esta falta da mulher, pela alienação de sua concretude, aparece como sendo, na verdade, a falta de um homem e não propriamente a falta de acesso ao conhecimento impelida à mulher, uma vez que a figura da mulher é tida como incapaz de filosofar, e, em última instância, de pensar racionalmente. O pensamento racional, portanto, aparece nesta história – a da tradição filosófica – como exclusivamente masculino, tecendo, assim, uma ambiguidade: a ausência da mulher, e sua falta, revelam a negatividade em que a filosofia ocidental está fundada, pois a mulher - o feminino em geral - é a presença/ ausência do irracional e também é um pilar da construção da própria racionalidade.

Neste sentido, a tarefa posta por Le Doeuff é a de admitir a perspectiva sobre o feminino escamoteada ao longo da tradição filosófica. Por esta via, é possível enfrentar as consequências ontológicas e sociais acerca da natureza das mulheres sem suprimir a relação entre o feminino e o advento da razão. O próprio fazer filosófico, ressalta a filósofa, nos estimula a não banalizar tal perspectiva, pelo contrário, a tarefa do pensador é revelar a filosofia mesma e admitir suas limitações, seus erros e enfrentar seus problemas de legitimidade, como o escancarado por meio da situação da mulher simbolicamente tomada ora como outro do logos ora como teoria na história da filosofia (LE DOEUFF, 1980, pp. 178-179). Por isso, deve-se buscar refletir o valor mítico impregnado nesta situação, construído no interior da filosofia, inclusive para além do sexismo e da misoginia, por meio da análise da estrutura intelectual e do poder da

abstração da tradição filosófica (LE DOEUFF, 1980, pp. 134-136). Diante disso, além de recuperar o altruísmo total das mulheres, apesar do egoísmo, incompetência e egocentrismo masculino, quer dizer, apesar da natureza atomística desta espécie/substância dita humana – o homem – mantém-se também o laço social. Assim, de acordo com Le Doeuff, de uma só vez, esse individualismo tão custoso às mulheres, deixa de parecer perigoso ou prejudicial a toda sociedade. Para tanto, é necessário, a filósofa afirma, reconsiderar as estratégias de diversos filósofos desde meados do século XVIII que transcreveram suas ansiedades sobre sua própria legitimidade em devaneios sobre o feminino.

O que se compreende, portanto, como imaginário filosófico, e a importância desta leitura de Le Doeuff para a problemática existente em torno da relação ambígua entre mulher e filosofia, é que o imaginário é o negativo de tudo que é posto positivamente pela razão, quer dizer, pelo que se afirma como o universo do humano, como ordem, como cosmos etc. pela tradição filosófica. Como pontuamos acima, o que se compreende positivamente como humano, tradicionalmente, se equivale ao compreendido como homem, logo o negativo é a mulher. No entanto, este homem possui um caráter específico na sua pretensão de universalidade; ele é aquele que tem voz, que discursa racionalmente (LE DOEUFF, 1980, pp. 170-179). A especificidade deste imaginário, posto isso, é que ele se dá em função da construção conceitual, isto é, ele é construído internamente pela filosofia, fazendo com que o projeto filosófico não seja excludente em relação a este imaginário. O que Le Doeuff nos coloca acerca do caráter operativo deste evidencia que a mulher não aparece diretamente, ou seja, não é a concretude da mulher, e, desse modo, não está submetida à crítica. Devido a isso, o campo da mulher, do feminino, é o campo imagético e não o logos da razão absoluta, uma vez que este logos constitui um universal que exclusivamente humaniza o homem, enquanto que a mulher permanece imersa no âmbito da falta de um pretense absoluto, na verdade, abstrato, comprometendo, assim, a legitimidade da filosofia empreendida pela tradição (LE DOEUFF, 1980, p. 165).

Por esta via crítica, destaca-se o pensamento de Simone de Beauvoir acerca do feminino e sua crítica à ideia essencialista sobre o que é ser mulher. A questão da filósofa não é responder à indagação a respeito do real estatuto ontológico da mulher, ou o que ela é, diferente disso, seu projeto, antes, é uma proposta ética, reiterando a análise do lugar de opressão da mulher contra um humanismo seletivo. Desse modo, Beauvoir discorrerá, à luz do existencialismo e dos conceitos fenomenológicos, sobre a ambiguidade presente na relação da mulher com o mundo, ou seja, em situação, ao passo que, procurará evidenciar o sentido concreto do feminino, sua autenticidade. Neste sentido, compreenderemos sua célebre sentença “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de “feminino”, e, finalmente, a razão pela qual “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro” (BEAUVOIR, 1970a, p. 9).

Ética e alteridade em Simone de Beauvoir

Na introdução de *O Segundo Sexo*, Beauvoir já explicita o diagnóstico do qual parte: para a filósofa, a mulher é o Outro à medida que ela “determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1970a, p. 10). Disso, culminará, na segunda etapa de sua obra, na questão: como uma existência que quer afirmar-se como liberdade é capaz de lidar com a imposição de uma essência que a determine em suas escolhas por toda a sua existência? Traçada esta problemática, a tarefa que Beauvoir se propõe seguirá a seguinte estratégia:

Situaremos de maneira inteiramente diferente o problema do destino feminino: colocaremos a mulher num mundo de valores e atribuiremos a suas condutas uma dimensão de liberdade. Pensamos que ela tem de escolher entre a afirmação de sua transcendência e sua alienação como objeto; ela não é o juguete de impulsos contraditórios, ela inventa soluções entre as quais existe uma hierarquia ética. (BEAUVOIR, 1970a, pp. 70-71)

Na 2ª parte do volume I de *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir parte da premissa de que o mundo sempre pertenceu aos machos e que nenhuma das razões propostas para explicar o mundo parece suficiente. A filósofa propõe que, por meio de uma revisão dos dados da pré-história e da etnografia, à luz da filosofia existencial, pode-se compreender como esta hierarquia dos sexos se estabeleceu. O argumento inicial de Beauvoir é o de que (1) quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; e (2) quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação de soberania, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre uma tensão, uma relação de reciprocidade. Desse modo, se uma destas duas categorias é privilegiada, ela domina a outra e, por meio da opressão, mantém esta situação. Dessa avaliação, Beauvoir estabelece que o homem tem vontade de dominar a mulher, e levanta uma questão que será seu eixo de reflexão no volume I de *O Segundo Sexo*: que privilégio lhe permitiu ao homem satisfazer essa vontade?

O centro da análise de Beauvoir é o de que o homem só se pensa pensando o Outro: ele apreende o mundo sob o signo da dualidade, no entanto, inicialmente, esta não tem um caráter sexual. Entretanto, sendo diferente do homem, que se põe como o Mesmo, é na categoria do Outro que a mulher é incluída, pois ela não é, a princípio, importante para encarná-lo sozinha, e, desse modo, envolvida pelo Outro, se desenha em seu coração uma subdivisão. Sendo assim, o triunfo do patriarcado não foi, para Beauvoir, nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta, mas, desde a origem da humanidade, foi o privilégio biológico que permitiu aos homens se afirmarem sozinhos como sujeitos soberanos, privilégio do qual nunca se abdicaram. Beauvoir defende que os homens “alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir” (BEAUVOIR, 1970a, p. 97). Assim, condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher comprometeu sua força, ora como escrava ou ídolo, ela não escolhe seu destino. Logo, existe uma ambivalência do Outro, da Mulher, que irá se refletir na sua história e fará com que, até a atualidade, a mulher esteja submetida à vontade dos homens. Porém, avalia Beauvoir, essa vontade carrega uma ambiguidade que por sua vez afeta o destino da mulher. Embora seja conferida

a ela certa dignidade, pela anexação ao outro, sua situação é de serva e companheira, e através da anexação total ao papel do Outro, a mulher é rebaixada ao nível de uma coisa (BEAUVOIR, 1970a, p. 102).

Na análise de Beauvoir, neste volume I de *O Segundo Sexo*, a filósofa argumenta que, situada à margem do mundo e não plenamente em ação nele, a mulher não está em posição favorável para recriá-lo, pois, para emergir do dado, é preciso antes de tudo estar profundamente enraizado nele (BEAUVOIR, 1970a, p. 171). O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, impelem as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. E, no geral, as mulheres ainda se encontram em situação de vassalãs. Disso, para a filósofa, decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define. Portanto, a tarefa é descrevê-la primeiramente como os homens a sonham, desde que seu ser-para-os-homens é um dos elementos essenciais de sua condição concreta (BEAUVOIR, 1970a, pp. 81-177). Já pontuava Beauvoir na introdução:

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (BEAUVOIR, 1970a, p. 57).

Na 3ª parte, ainda neste primeiro volume, Simone de Beauvoir argumenta que a história, desde o início do patriarcado, nos mostra que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos que culminaram na constituição da mulher concretamente como Outro. A condição de dependência da mulher serviu os interesses dos homens, entre eles, suas pretensões ontológicas e morais. Como Outro, capaz de limitar e negar o homem enquanto sujeito, a mulher é necessária, para dizer, inclusive, o que o sujeito não é. Para Beauvoir, isso caracteriza a luta do homem, seu estado pleno de solidão, carência, mas de constante movimento, que o afirma e o faz apropriar-se das coisas por meio da consumação e destruição, como no caso da natureza. Só existe presença do outro, explica Beauvoir, se o outro é ele – homem – próprio presente a si, e isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha idêntica a ela, quer dizer, é a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, ou seja, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, e, por fim, como projeto (BEAUVOIR, 1970a, p. 179). Segundo Simone de Beauvoir, o homem exalta o falo na medida em que o apreende como transcendência e atividade, como modo de apropriação do outro, mas se envergonha de seu falo quando não vê nele senão uma carne passiva através da qual “é o brinquedo das forças obscuras da Vida” (BEAUVOIR, 1970a, p. 205). O outro, a mulher, constata Beauvoir, é um juiz privilegiado para o homem, é a medida de seus valores. Não é somente para possuí-lo que o homem sonha com um Outro, é também para ser afirmado por ele, e da afirmação de seus semelhantes, deste olhar de fora, é conferido a ele próprio um valor absoluto (BEAUVOIR, 1970a, p. 227).

Como é outra, a mulher permanece exterior ao mundo dos homens e é, portanto, capaz de apreender com objetividade o mundo. Cabe à mulher, em cada caso singular, denunciar a ausência ou a presença da coragem, da força, da beleza, confirmando ao mesmo tempo, de fora, o valor universal dos homens. Estes, explica Beauvoir, acham-se em demasia ocupados com suas relações de cooperação e luta para se constituírem público uns dos outros, eles não se contemplam. Enquanto isso, por não participar do mundo da ação, a situação da mulher a destina a desempenhar esse papel de olhar e impulsionar a luta do homem. No entanto, quando se torna livre, Beauvoir afirma que a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. Neste sentido, a relação entre os dois sexos é uma relação de luta. Ao tornar-se semelhante para o homem, a mulher é temida por ele da mesma forma como outrora foi a natureza. A mulher, portanto, “tem um duplo e decepcionante aspecto: ela é tudo a que o homem aspira e tudo o que não alcança” (BEAUVOIR, 1970a, p. 242). A mulher encarna todos os valores morais e seus contrários; ela é a fonte da reflexão do homem sobre sua própria existência. Da condição de serva e companheira, a mulher é público e juiz do homem, e o homem espera por ela afirmar-se: “ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo. Só que ela é Tudo à maneira do inessencial: é todo o Outro. E, enquanto outro, a mulher, conclui Beauvoir, é também “outra e não ela mesma, outra e não o que dela é esperado” (BEAUVOIR, 1970a, p. 242). Assim, a mulher é decepção, nunca é o que deveria ser, ela é como a própria decepção da existência que não consegue nunca se atingir nem se reconciliar com a totalidade dos existentes (BEAUVOIR, 1970a, p. 242).

Diante deste cenário, no segundo volume de *O Segundo Sexo*, Beauvoir discorre acerca da abstração da liberdade para a mulher, dada sua impossibilidade de construir qualquer coisa que seja. Para a filósofa, a mulher pode apenas ser autenticamente livre na revolta. A revolta, para Beauvoir, trata-se da recusa da mulher dos limites de sua situação e a busca de caminhos para o futuro. Diferente disso, a resignação é uma demissão e uma fuga, não existe, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação. Entretanto, Beauvoir pontua que a libertação da mulher apenas pode ser coletiva, jamais individual; as individualistas, atenta a pensadora, tentam justificar sua existência no seio de sua imanência, isto é, realizam a transcendência na imanência. No entanto, é este o último esforço diz Beauvoir – por vezes ridículo, por vezes patético – da “mulher encarcerada para converter sua prisão em um céu de glória, sua servidão em liberdade soberana, que encontramos na narcisista, na amorosa, na mística” (BEAUVOIR, 1970a, pp. 363-393).

Segundo Simone de Beauvoir, para a mulher ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que ela tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, o que significa, em última instância, que ela tenha acesso ao outro, uma vez que somente as exigências do outro não são em ambos os casos simétricas. A mulher independente – e principalmente a intelectual – escreve Beauvoir, sofre, enquanto fêmea, de um complexo de inferioridade (BEAUVOIR, 1970b, p. 224), pois ela não tem os lares para consagrar a sua beleza, com isso, o encanto feminino exige que a transcendência se degrade em imanência. Mas atenta sobre isso Beauvoir por meio da seguinte explicação:

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é cercada por todos os lados, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. (BEAUVOIR, 1970b, p. 39)

Não se trata somente, para a maioria das mulheres – como também dos homens – de satisfazer seus desejos e sim de manter, em os satisfazendo, sua dignidade de ser humano. A condição de vassalagem, segundo Beauvoir, reside no fato de que não é permitido à mulher fazer o que quer que seja, e assim, é através do narcisismo, do amor, da religião que expressa seu ser. Desse modo, produtora, ativa, a mulher reconquista sua transcendência, e, em seus projetos, é capaz de enfim afirmar-se concretamente como sujeito. O privilégio detido pelo homem, em grande medida, apoia-se no fato de que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de homem. Da assimilação do falo e da transcendência, explica Beauvoir, resulta que os êxitos sociais ou espirituais dos homens lhes dão um prestígio (BEAUVOIR, 1970b, p. 452). Diferente disso, para que a mulher realize sua feminilidade, deve ser objeto e presa, isto é, deve renunciar a suas reivindicações de sujeito. E esse conflito que caracterizará, de maneira singular, a situação da mulher liberta para Beauvoir (BEAUVOIR, 1970b, pp. 449-483). Imersa nessa ambiguidade que Beauvoir afirma que o “indivíduo não se define se não por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos; ele só existe transcendendo-se e sua liberdade só pode consumir-se através da liberdade do outro” (BEAUVOIR, 1970b, p. 133).

Portanto, para Beauvoir, para que haja uma relação autêntica de reciprocidade entre homem e mulher, é necessário que a mulher deixe de ser reconhecida como o Outro, e para isso, é necessário que ela se coloque também como Um. Isso é possível, pois de acordo com Beauvoir, as mudanças que ocorrem na sociedade influenciam a situação da mulher, e a faz se reconhecer como consciência; ela é a mesma que realiza esses movimentos de ruptura das tradições. Quando este movimento acontece, a mulher também está sendo vista pelo homem como consciência, e esse reconhecimento simultâneo de ambos os sexos, como sujeito e objeto, possibilita a mudança da situação, qual seja, a da redução da mulher a um objeto, à categoria de Outro, a segundo sexo. Por esta via, garantida a liberdade do homem e da mulher, ela, enfim como sujeito, pode-se indagar o que posso me tornar? Sem que seja necessário enfrentar à questão o que é uma mulher? Caracterizando, assim, o projeto de Beauvoir como especificamente ético, antes do que ontológico, ou melhor, mais concreto do que abstrato, pois a liberdade não é um absoluto, mas condição original da existência da mulher imersa num mundo de opressões sobre as quais ela se debate. Embora a filósofa já tenha explicitado no início da confecção de *O Segundo Sexo* “que não há descrição, dita objetiva, que não se erga sobre um fundo ético” (BEAUVOIR, 1970b, p. 22), a afirmação da mulher, por conseguinte, como sujeito no mundo faz com que a ambição de Beauvoir seja por excelência a de um projeto ético, cujo ponto fundamental

é retirar a liberdade do plano abstrato. Beauvoir escreve na introdução do primeiro volume de sua obra:

Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. (BEAUVOIR, 1970b, p. 15)

Conclusão

Pelo que expusemos em nossa introdução, gostaríamos de enfatizar que tanto o pensamento de Le Doeuff como o de Beauvoir busca evidenciar a perspectiva escamoteada sobre o feminino e seu valor mítico a fim de tecer um novo discurso acerca da mulher; discurso que a tome em sentido concreto na realidade. A estratégia adotada por ambas, nesse sentido, a saber, de fazer emergir do mundo vivido a situação do feminino, parece prezar pela análise das relações de alteridade. Segundo Beauvoir, “a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si” (BEAUVOIR, 1970b, p. 11), e a situação em que se aloca a mulher é a de que “desde que se realiza como Outro, ela é o outro inessencial; é-lhe necessário negar a alteridade” (BEAUVOIR, 1970b, p. 137). Escreve Beauvoir:

Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é — qualquer que seja sua magia — o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens. (BEAUVOIR, 1970b, p. 91)

Diante disso, a filósofa argumenta que se existe a “presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha idêntica a ela”, e explica que é “a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto” (BEAUVOIR, 1970b, p. 179). Desse modo, é reconhecendo sua liberdade que a mulher se reencontra como o essencial (BEAUVOIR, 1970b, p. 141), e o que se pode considerar como sentimento de verdadeira liberdade, para Beauvoir, o será quando a mulher não depender de nenhuma palavra de ordem exterior, quando este sentimento puder ser vivido sem medo em uma sinceridade (BEAUVOIR, 1970b, p. 234). A liberdade, num campo diferente deste, permanece mistificada. Por isso, a proposta de Beauvoir é a de que “só há uma maneira de realizá-la autenticamente: projetá-la mediante uma ação positiva na sociedade humana” (BEAUVOIR, 1970b, p. 447). Deste ponto, podemos observar a

relação fundamental entre ética e alteridade para Simone de Beauvoir e seu projeto filosófico existencialista, e o lugar crucial que a liberdade possui nesse contexto. A liberdade, para Beauvoir, será a condição original da existência, e a avaliação sobre o mundo será sempre coletiva. Por isso abrir mão da abstração em prol do concreto significa eleger as relações entre humanos e as opressões expressas por estas como algo que de fato pode conferir sentido a um discurso acerca da humanidade, por isso, também a importância da premissa de que os indivíduos são sexuados. Igualmente como propõe Le Doeuff, a saber, que seja abandonada a abstração em que se assenta o imaginário, calcado numa moral individualista e idealista, Beauvoir já propunha que assumir essa ambiguidade é assumir nossa autenticidade diante do esquecimento das mulheres. A análise da mulher por meio da situação permite que enquanto sujeito ela assuma sua liberdade, sua transcendência e revele sua autenticidade.

Referências:

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Vol. 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970a.

_____. *O Segundo Sexo*. Vol. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970b.

LE DOEUFF, M. *L'Imaginaire philosophique*. Paris: Payot, 1980.

Recebido em: 29/Ago/2019 - **Aceito em:** 28/Nov/2019.